

ANÁLISE DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA DO NORTE E NORDESTE DE ESTUDANTES DA CIDADE DE EDEALINA

Analysis of linguistic variation in the north and northeast students of the city of Edealina

Thyago Madeira França¹

thyago.franca@ueg.br

<https://orcid.org/0000-0002-7690-9611>

Maria Izadora Santos²

izadorasantosgo96@gmail.com

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo estabelecer uma reflexão e um diálogo entre o referencial teórico de autores renomados e as dificuldades e os preconceitos linguísticos vividos por alunos oriundos das regiões Norte e Nordeste do Brasil. Por isso, objetivamos descrever, interpretar e analisar, por um viés Sociolinguístico, o preconceito linguístico de alunos vindos das regiões Norte e Nordeste, quando se inscrevem no lugar de aluno de escola pública no município de Edealina estado de Goiás. Para a realização do estudo, recorreremos às ideias da Linguística Aplicada Transgressiva de Moita Lopes (2013; 2006) e os pressupostos de Marcos Bagno (2004) para compreendermos a construção social e geográfica de cada sujeito inserido em sua região. Sendo assim, a finalidade do texto é também tentar demonstrar e compreender como o estudo da Sociolinguística pode colaborar para a interação da língua com o meio social e geográfico do falante e suas variações linguísticas.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística. Preconceito linguístico. Variação linguística.

ABSTRACT: The present work aims to establish a reflection and a dialogue between the theoretical reference of renowned authors and the difficulties and linguistic prejudices experienced by students from the North and Northeast regions of Brazil. Therefore, we intend to describe, interpret and analyze, through a Sociolinguistic bias, the linguistic prejudice of students coming from the North and Northeast regions, when they register as a public school student in the municipality of Edealina state of Goiás. Ideas of the Transgressive Applied Linguistics of Moita Lopes (2013; 2006) and the assumptions of Marcos Bagno (2004) to understand the social and geographical construction of each individual inserted in his region. Thus, the aim of the text is to try to demonstrate and understand how the study of sociolinguistics has contributed to the interaction of language with the social and geographical environment of the individual and its linguistic variation.

KEYWORDS: Sociolinguistic, linguistic prejudices, Linguistic variation.

¹ Pesquisador em Linguística Aplicada e Análise do Discurso, professor da Universidade Estadual de Goiás e co-líder do grupo de pesquisa Laboratório de Estudos Polifônicos (LEP/UFU).

² Graduada em Letras pela UEG e especialista em Neuropsicopedagogia clínica e institucional.

Análise da variação linguística do norte e nordeste de estudantes da cidade de edealina

Introdução

As variedades não são erros, mas diferenças. Não existe erro linguístico. O que há são inadequações de linguagem, que consistem não no uso de uma variedade em vez de outra, numa situação em que as regras sociais não abonam aquela forma de fala. (GERALDI, 1997, p. 52)

A língua é a representação da cultura, da história e dos valores de um povo, de uma dada população. É por meio dela que o falante transmite e entra em interação não só com características individuais e com o seu idioleto, como também com características linguísticas e culturais dos grupos sociais e lugares discursivos os quais se inscreve. Dessa forma, defendemos um estudo da língua no âmbito de suas mais diversas formas de variações linguísticas, que demonstre a importância da norma culta, sem desmerecer as variedades que se apresentam em todo o país.

Além disso, também partimos do princípio de que, por motivos diversos que serão aqui discutidos, existe certo preconceito linguístico em relação aos sotaques e às variações linguísticas das regiões Norte e Nordeste. Assim, a partir de uma inscrição no lugar da docência, igualmente afirmamos que são comuns, no imaginário popular, determinados preconceitos que ironizam e/ou inferiorizam os falares e sotaques dos falantes oriundos dessas regiões brasileiras, inclusive como se elas fossem iguais e não diversas entre si.

Instaurada essa problemática, buscamos identificar as dificuldades e os preconceitos linguísticos vividos por alunos oriundos dessas regiões do país, quando se inscrevem no lugar discursivo (SANTOS, 2011) de discente da escola pública no município de Edealina em Goiás, principalmente no que tange às dificuldades de adaptação social e geográfica por conta de questões relacionadas à língua. Logo, o foco foi compreender como se dá o processo de interação entre as variações linguísticas na escola, de modo a verificar eventuais conflitos entre essas variações no ambiente escolar.

Santos (2011) entende lugar discursivo como um espaço de singularidades no qual uma instância-sujeito toma posição para se instaurar como sujeito de um dado discurso. Nesse aspecto, partimos do princípio de que, a partir da inscrição do sujeito aluno do Norte e do Nordeste em um lugar discursivo outro, instauram-se tensões discursivas entre as variações linguísticas que emergem dos diálogos entre os discentes e entre discentes e professores. Esses embates implicam equívocos de sentidos ou, em determinadas situações, instauram preconceitos linguísticos e de outras naturezas.

Para identificarmos e refletirmos sobre esses conflitos discursivos, desenvolvemos uma pesquisa qualitativa, analítica e interpretativista, por meio de entrevistas com três alunos de 6º a 9º ano oriundos das regiões Norte e Nordeste, de forma a analisar os efeitos discursivos do contato de suas variações linguísticas (sotaque/vocabulário) com as variações dominantes no contexto, ou seja, as tomadas como comuns no município de análise. A metodologia de coleta de dados se deu, primeiramente, por meio da observação dos alunos em sala de aula e, posteriormente, da entrega de um termo de consentimento de participação na pesquisa aos alunos selecionados, para que fosse assinado pelos pais ou responsáveis. Os alunos autorizados foram entrevistados em forma de questionário gravado em modo áudio, por um aparelho com sistema operacional Android.

As entrevistas foram alicerçadas em um questionário composto pelas seguintes questões: I – Quando você e sua família vieram para Edealina? E vocês vieram para cá por qual motivo?; II - Você gosta de morar aqui? Sente falta de alguma coisa que tinha onde você morava?; III - Quando você chegou à escola, qual foi sua primeira impressão em relação à linguagem de seus colegas (jeito de falar, palavras, gestos)?; IV - Você acha que existe alguma forma mais bonita de falar? E existe alguma certa?; V - Sua forma de falar (sotaque e vocabulário) causou algum efeito (sensação, curiosidade, riso, vergonha, preconceito) entre os colegas da escola?; VI - Você já teve dificuldade de entender algum conteúdo por conta da diferença de língua (Foi corrigido; alguém não entendeu você; não teve coragem de perguntar ou comentar algo)?

Em relação às inscrições teóricas, estabelecemos um diálogo entre os estudos do discurso, a perspectiva transgressiva da Linguística Aplicada organizada por Moita Lopes (2006) e a sociolinguística variacionista e política empreendida por Bagno (2004), por entendermos que essas tomadas de posição teóricas permitem lançarmos um olhar linguístico, discursivo, cultural e político para as tensões enunciativas que emergem da prática escolar desses alunos. O estudo das variantes linguísticas é de extrema importância não só para os estudiosos da língua, mas para toda a comunidade escolar e, de certa forma, para todos que se interessarem pela valorização e respeito à diversidade de culturas e falares, o que implica, por conseguinte, uma sociedade mais justa, uma vez que é também pela língua que muitos valores, preconceitos e processos de exclusão são cristalizados e passados de geração a geração.

1 Desenvolvimento

Análise da variação linguística do norte e nordeste de estudantes da cidade de edealina

Sabemos que a língua se materializa na sociedade por meio de variações de diversas naturezas e, portanto, compreendemos que ela está diretamente entrelaçada com a sociedade e que uma influência e constitui a outra. A partir disso, inscrevemo-nos em estudos que refletem sobre esses aspectos relacionados à interação e aos discursos que emergem do diálogo entre língua e sociedade.

Dessa forma, além dos aspectos teóricos e/ou discursivos que alicerçam o presente estudo, apresentamos nas próximas seções aspectos relacionados à migração das populações do Norte e do Nordeste para Goiás.

1.1 Sobre a migração do Norte e do Nordeste para o estado de Goiás

O processo de migração para o estado de Goiás de nortistas e nordestinos começa por conta da extração aurífera no início do século XVII e fim do século XVII (SILVA, 2020). Esse fluxo de pessoas se dava, essencialmente, por conta do trabalho existente nos arraiais que iam se formando ao redor dos rios, com foco na extração de ouro. Com o passar do tempo, houve a diminuição da produtividade nas minas, por conta da exploração desenfreada das minas.

Após esse período, o motivo pelo qual se manteve esses processos migratórios foi a busca por condições de vida melhores. Com o crescimento das atividades pecuárias no fim do século XVIII, logo vieram a construção das grandes cidades e, mais tarde, a industrialização de Goiás, o que causou um fluxo ainda maior de imigrantes das regiões Norte e Nordeste.

No entanto, no século XX, um dos acontecimentos que está diretamente ligado à migração de tais populações para Goiás foi a construção de Brasília. Em 1957, chegaram ao local da futura capital os primeiros trabalhadores, vindos de diferentes origens e características sociais que, mesmo sem garantia de conforto ou de bem-estar, dispunham-se a trabalhar para a Companhia Urbanizadora da Nova Capital (NOVACAP). De acordo com o censo daquele ano, foram 256 os primeiros migrantes, que procediam, em sua maioria, das regiões Norte e Nordeste, tidas, ao longo de quase todo o século XX, como as regiões mais pobres do país.

Eram os primeiros “candangos”, como ficaram conhecidos aqueles trabalhadores pioneiros que vinham atraídos pela possibilidade de um novo começo e novas oportunidades. Saíam de sua terra natal com uma mala e pouquíssimo dinheiro e, em muitos casos, só com a roupa do corpo. Lotavam a carroceria dos caminhões para viajar 45 dias em estradas precárias, de terra batida, até o local demarcado para a construção de Brasília, onde só havia mato e poeira.

Por vezes relacionado às secas, essas populações saíam da sua terra desiludidas com a miséria e a fome, em busca oportunidades de trabalho.

Com a chegada dessas famílias em Goiás, as escolas passaram a receber crianças oriundas dos estados dessas regiões e, naturalmente, tornaram-se espaços discursivos de interação sociocultural e linguística o que, de certa forma, permitiu eventuais tensões dessa natureza entre alunos-alunos e alunos-professores. Essa mistura cultural, entendemos, pode ser materializada pelas variações linguísticas e por possíveis acontecimentos relacionados aos preconceitos linguísticos.

Defendemos que essas eventuais ocorrências de preconceito linguístico se configuram como um grande problema da sociedade contemporânea, principalmente quando direcionadas por pessoas cultas que se sentem “donos” do português brasileiro. São tantos desafios partindo da língua culta que dominar uma variante de prestígio, como a norma padrão de uma língua, não significa dizer que o outro seja rudimentar, pobre e incapaz. Principalmente quando levamos em consideração o fato de o Brasil ser um país que tem como característica uma imensa pluralidade linguística, tendo em vista suas diversas regiões e respectivas diferenças nas questões de uso.

1.2 Aspectos de Sociolinguística e preconceito linguístico

O preconceito linguístico se baseia na crença do que existe [...] uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape deste triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico “errada, feia, rudimentar, deficiente”. (BAGNO, 2004, p. 40)

Marcos Bagno (2004) defende que a língua é uma entidade de cunho político que comporta preconceitos linguísticos os quais emergem da confusão entre língua e gramática normativa. O autor defende que as diversas variedades linguísticas faladas nos mais variados espaços geográficos e pelas diversas classes sociais não podem ser tomadas hierarquicamente, ou seja, sendo uma melhor do que a outra.

Observamos que a utilização da língua falada se sobressai grandemente à língua escrita, por ser utilizada por quase todos os falantes, seja ele alfabetizado ou não. Um exemplo é que o índice de analfabetismo de crianças e adultos no Brasil em 2015, segundo o Instituto Brasileiro

Análise da variação linguística do norte e nordeste de estudantes da cidade de edealina

de Geografia e Estatística (IBGE), é de 7,4%. Ainda assim essas pessoas não deixam de se comunicar e gerar entendimento entre si.

Por conta disso, é um equívoco defender que o domínio da gramática tradicional representa conhecer bem a língua, até mesmo porque a norma padrão alicerçada pela gramática também emana discursos elitistas e excludentes, que desaprovam o uso oral de muitas variedades da língua. Aulas de língua materna em que o foco consiste em definir o “certo” e o “errado” produzem discursos excludentes, retrógrados, saudosistas, resistentes ao tempo e que, conseqüentemente, corroboram para a ampliação do preconceito linguístico. Sobre isso, Bechara (1989, p.15) traz uma definição importante: “uma língua histórica não é um sistema homogêneo e unitário, mas um diassistema, que abarca diversas realidades diatópicas (isto é, a diversidade de nível social) e diafásicas (isto é, a diversidade de estilos de língua)”.

Bagno (2001) também reforça que a gramática tradicional, na maioria dos casos, defende um padrão de língua literária que, de forma equivocada, passou a ser tomado na escola como a forma correta de língua. Aí está a gênese do preconceito linguístico:

Os falantes que aparentemente “desrespeitam” as regras da gramática normativa não usa a língua de modo “vago”, “impreciso”, “sem destino”: muito pelo contrário, eles obedecem sempre às regras de sua gramática, de modo mais rigoroso até do que os falantes escolarizados... Quando se fala em “erro”, a impressão que fica é a de que a pessoa “erra” por preguiça ou por falta de inteligência, como se ela escolhesse errar, como se ela soubesse o “certo”, mas, por teimosa ou ignorância em falar “errado”. Não é nada disso! Essa é uma visão extremamente preconceituosa e desinformada dos fenômenos da linguagem. (BAGNO, 2001, p.27)

Logo, os falantes que recebem repreensões por sua fala se reprimem, sentem-se inseguros de falar, mesmo que consigam construir falas perfeitas. Por isso, é essencial que a sociedade e também a escola reforcem a importância da comunicação dos falantes, sendo da mesma região ou de regiões diferentes.

Como já afirmamos, todo o século XX foi marcado por intensa imigração do Nordeste e de Norte para outras regiões. Isso gera, naturalmente, a presença física, cultural, discursiva e linguística de jovens e crianças dessas regiões nas escolas dos estados que agora domicíliam. Como no cenário escolar é natural se pautar o ensino de uma língua padrão, é possível supor tensões relacionadas a variações linguísticas culturalmente entendidas como de menor prestígio.

Em ABRAÇADO (2008, p. 12-13), Scherre defende que “as variedades linguísticas mais sujeitas ao preconceito linguístico são normalmente as que possuem características

associadas a grupos de pessoas com menos prestígio na escala social ou a grupos de pessoas da área rural ou do interior do país”. No entanto, embora o preconceito por uma variação diatópica seja associado às divergências geográficas, é essencial compreendermos que essa exclusão emana de discursos de natureza social, cultural e política, que estigmatizam, excluem e ampliam desigualdades sobre grupos específicos. De tal modo, concordamos com Bagno (2004, p.16) que afirma que “não existe preconceito linguístico, o que existe de fato é um profundo e estranho preconceito social”.

Nesse contexto, infelizmente reconhecemos que em muitas das salas de aula de todo o país ocorre o preconceito linguístico. Isso afeta, muitas vezes, o aprendizado do aluno, que, quando emigra das regiões em foco, trazem consigo marcas linguísticas específicas, sofrem estigmas dos colegas e, infelizmente, também de alguns professores. Isso faz com que o aluno se encalstre, deixando de participar e questionar assuntos de extrema importância nas aulas.

Citamos também GERALDI (1997, p.49) que, em *O texto na sala de aula*, ressalta que “a variação é vista como desvio, deturpação de um protótipo. Quem fala diferente fala errado”. Assim, é natural entendermos que esse pensamento dá abertura para preconceitos e, por isso, discutir a importância e o respeito às variedades linguísticas do Brasil é essencial, inclusive para se construir uma sociedade menos desigual.

Esse pensamento transmite um exemplo de como deveria ser a visão da sociedade para a variação linguística, uma vez que erros de português são, por vezes, diferenças entre variedades da língua. O problema é que a sociedade considera essas variações de modo pejorativo, o que desencadeia discursos sobre inferioridade linguística e, ainda, incitam hostilidade em relação a desigualdades das classes sociais, uma vez que pessoas da classe baixa tendem a ter menos anos de escolaridade e acesso a bens culturais.

Infelizmente a questão do erro é reproduzida por muitos professores que, quando avaliam um texto, direcionam-se a descobrir os erros ortográficos que, eventualmente, os alunos cometeram ao tecer um texto. Sobre essa questão, BAGNO (2004, p.156-157) apresenta a seguinte explicação:

Saber ortografia não tem nada a ver com saber a língua. São dois tipos diferentes de conhecimento. A ortografia não faz parte da gramática da língua, isto é, das regras de funcionamento da língua. Muitas pessoas nascem, crescem, vivem e morrem sem jamais aprender a ler e a escrever, sendo, no entanto, conhecedores perfeitos da gramática de sua língua. A ortografia oficial é fruto de um decreto, de um ato institucional por parte do governo, e fica muitas vezes sujeita aos gostos pessoais ou às interpretações dos fenômenos linguísticos por parte dos filólogos que ajudam a estabelecê-la.

Análise da variação linguística do norte e nordeste de estudantes da cidade de edealina

O autor também cita quatro elementos determinantes para a disseminação do preconceito linguístico: assim, a gramática tradicional determina práticas de ensino, que inspira a indústria de livros didáticos, dos quais os autores estabelecem um círculo vicioso. Por conseguinte, a partir desse círculo a escola alicerça uma única forma de falar, sem focar em práticas que considerem as especificidades culturais e as variações de cada região.

Para cumprir bem função de ensinar a língua, a escola e a sociedade precisam se livrar de alguns mitos cristalizados e elencados por Bagno (2004), como: o mito de que existe uma forma “correta” de falar; de que a fala de uma região é melhor do que a de outras; de que a fala “correta” é a que se aproxima da língua escrita; de que o brasileiro fala mal o português; de que o português é uma língua difícil; e de que é preciso “consertar” a fala do aluno para evitar que ele escreva errado.

Por meio desses mitos, a sociedade e o ensino tradicional da língua não valorizam as variações linguísticas, mas agem “exatamente ao contrário: interrompe o fluxo natural da expressão e da comunicação com a atitude corretiva (e muitas vezes punitiva), cuja consequência inevitável é a criação de um sentimento de incapacidade, de incompetência” (BAGNO, 2004, p. 132). Dessa forma, defendemos que o ensino-aprendizagem deve valorizar, acima de qualquer correção, a autoestima linguística de qualquer aluno, deixando de lado preconceitos e argumentos que desqualificam o saber individual de cada um. Por isso, é importante que lancemos questionamentos sobre esses posicionamentos preconceituosos, os quais emergem de uma hierarquização linguística que exclui.

A partir dessa postura política e inclusiva de língua proposta pelos estudos sociolinguísticos, lançamos um olhar analítico para as práticas linguísticas eventualmente inferiorizadas de alunos que se deslocam de sua região e são inscritos em práticas discursivas permeadas por preconceitos linguísticos e sociais. Não entendemos isso como uma prática perversa da escola, mas sim como um despreparo da instituição em acolher e conscientizar os seus alunos quanto as diversas variações linguísticas. Afirmamos isso porque, em análises iniciais, já observamos que está internalizado no discurso de alguns alunos e professores de Edealina-GO o preconceito linguístico e, em alguns momentos, cultural com as regiões Norte e Nordeste.

1.3 A interface com a Linguística Aplicada: diálogos inquietantes

As disciplinas não são estáticas, domínios demarcados de conhecimento aos quais pedimos emprestados construtos teóricos, mas são elas mesmas domínios dinâmicos de conhecimento. (PENNYCOOK, 2006, p.72)

A Linguística Aplicada transgressiva e indisciplinar (LA) organizada por Moita Lopes (2006) defende que é indispensável, no processo de ensino-aprendizagem, que a constituição social, cultural, econômica e geográfica dos sujeitos inseridos nesse contexto seja levada em consideração para se pensar práticas, metodologias, materiais didáticos e políticas para a educação. Moita Lopes (2006, p.74) reforça que a “transgressão deve ser cuidadosamente separada da desordem ou caos, já que sempre deixa ser implícita uma desordem que está sendo transgredida”.

A transgressão relacionada à LA se compara com a quebra das fronteiras estáticas e tradicionais das disciplinas, o que no presente trabalho significa questionar o conservadorismo ditador da gramática normativa em prol de práticas de ensino-aprendizagem que discorram sobre o mundo real da vida dos alunos. Trata-se de uma transgressão reflexiva e crítica, que propõe importantes questionamentos dos limites que separam as teorias científicas e suas tradicionais fronteiras.

Nesse sentido, entendemos a teoria transgressiva da LA como um novo olhar para o sujeito na contemporaneidade, a partir da necessidade de reinventar a vida social, o que inclui a reinvenção de formas de produzir conhecimento, uma vez que a pesquisa é um modo de construir a vida social ao tentar entendê-la” (MOITA LOPES, 2006, p. 85). Em prol de uma LA que expanda a relação entre teoria e prática social, Moita Lopes também estabelece que há uma necessidade de se considerar as "vozes do Sul", dos povos estigmatizados, dos países subdesenvolvidos, dos grupos excluídos, de modo a apontar para um mundo social amplo, a partir do envolvimento de pessoas em mundo real:

A possibilidade de experimentar a vida de outros para além da vida local é talvez a grande contribuição da vida contemporânea, ao nos tirar de nosso mundo e de nossas certezas que apagam quem é diferente de nós e não nos possibilitam viver outras formas de sociabilidade. (MOITA LOPES, 2006, p. 92)

Dessa forma, é necessário que lancemos um olhar para as questões linguísticas por esse viés social, de modo que possamos trazer questões científicas que contribuam para a diminuição das desigualdades e dos preconceitos. Por exemplo, muitos falantes que se comunicam nunca

Análise da variação linguística do norte e nordeste de estudantes da cidade de edealina

frequentaram escolas, mas possuem uma linguagem construída através do seu convívio social e geográfico de sua região, imbuída de aspectos culturais diversos.

Reforçamos que a LA se interessa por estudar o sujeito inserido em seu contexto sócio-histórico. Por isso, embasa sua teoria em teóricos que acreditam em um desenvolvimento sociocultural, socioeconômico, sociodisciplinar, acreditando e preocupando-se com um ensino-aprendizagem que alcance o contexto de cada aluno. Por isso, entendemos ser possível propor um diálogo da LA com a Sociolinguística, por também ter um olhar atento para a educação, defendendo a cultura e o meio social em que estamos inseridos.

Ainda sobre os princípios da LA, Moita Lopes reforça que:

Para a Linguística Aplicada, a Língua é compreendida com uma prática social; logo o estudo da Língua implica o estudo da sociedade e da cultura das quais ela faz parte. Essa perspectiva requer sua observação no uso que se faz dela nos distintos contextos socioculturais por sujeito socialmente e historicamente situados; dessa forma, não homogêneos. (MOITA LOPES, 2006, p.102)

Em diálogo com os estudos de Moita Lopes, Von Borstel (2013) postula se tratar de uma área de pesquisa que está diretamente relacionada à resolução de problemas práticos da realidade linguística da sociedade, podendo contribuir muito para a área de ensino-aprendizagem de línguas de imigrantes e de fronteira geográfica. Logo, defendemos que a LA nos oferece importantes subsídios para nossa pesquisa variacionista da região Norte e Nordeste.

Ao utilizar o termo *indisciplinar* no título do livro, Moita Lopes (2006) provoca um certo incômodo aos estudiosos e professores não vislumbram caminhos fora das linhas disciplinares. Aqui entendemos essa indisciplina como a necessidade de se questionar, averiguar e de compreender o contexto sociocultural e linguístico dos atores dos processos de ensino-aprendizagem, afastando-se de concepções de língua e práticas de ensino-aprendizagem positivistas e excludentes.

Entendemos que as políticas linguísticas e educacionais do Brasil, em muitos casos, não contribuem para o respeito às diversas variações linguísticas de regiões tradicionalmente estigmatizadas, como o Norte e o Nordeste. O diálogo entre a LA e a Sociolinguística pode contribuir para a construção das reflexões que emergem desse estudo.

2 Análises descritivas dos dizeres dos entrevistados

Para estabelecermos um olhar para as tensões entre as variações em foco, analisamos três alunos oriundos das regiões Norte e Nordeste do 6º ao 9º ano de uma escola pública de

Edealina. O foco foi reconhecer como foi a chegada deles em Goiás e como foram acolhidos na escola. Procuramos identificar se houve preconceitos linguístico vividos por esses alunos e também identificar os impactos linguísticos, sociais e geográficos em seu cotidiano, no que tange à adaptação no estado de Goiás e na escola.

No quadro abaixo, a coluna “Fragmento da entrevista” apresenta sequências discursivas selecionadas dos dizeres dos três entrevistados, no entanto sem distingui-los, tomando seus dizeres como um único acontecimento discursivo. A coluna “Ponto de tensão” estabelece uma interpretação analítico-discursiva sobre as sequências em foco. Apresentamos, assim, o quadro de análise descritiva dos dizeres dos alunos entrevistados:

Quadro 1:

Sequências discursivas	Percepções de análise
<i>É tudo deles aqui é uai, eu nunca tinha ouvido ninguém falar isso né, é esquisito porque algumas coisas que eles falavam aqui eu não entendia, eu tinha lá o que, vergonha de perguntar o que que era aquilo, o significado, esperava alguém pergunta ninguém perguntava, porém todo mundo sabia o que era aquilo que estava falando.</i>	Relacionando esse fragmento à Sociolinguística, notamos o quanto a escola se encontra despreparada, tanto na questão do aluno quanto do professor, para receber crianças de outros estados. Nesse enunciado, observamos a variação linguística que a entrevistada sentiu ao entrar em contato com a linguagem goiana, por exemplo, quando ouviu pela primeira vez o termo “UAI”, e outras variações que não são mencionadas, embora sejam possíveis de se supor, pelo fato de a entrevistada relatar que havia algumas coisas que ela não entendia e tinha vergonha de perguntar.
<i>Então era bem difícil adaptar o que eles tavam falando, é a maioria a maioria das vezes era sempre na escola o professor falava alguma coisa, eu não entendia, porém também não perguntava por vergonha de perguntar e ele falar você não sabe uai é difícil agora até aprende falar as coisas que eles falam aqui aprendi.</i>	O campo escolar é um dos maiores alvos de preconceito linguístico, pois muitos professores não estão preparados para acolher essas crianças, sendo assim não prepara seus alunos. O grande enfoque é a questão sociocultural de onde elas vêm. Acreditamos que isso se dá por conta da crença preconceituosa que existe sobre os nortistas e nordestinos, em relação a linguagem e a cultura.

Análise da variação linguística do norte e nordeste de estudantes da cidade de edealina

<i>Olha gente em todo lugar tem um jeito certo e errado de fala algumas vezes eu achei, eu achava que lá no Maranhão a gente falava a errado. Porém vim pra cá e achei que os dois tavam errado, gente.</i>	A língua portuguesa que pode ser chamada e considerada certa é essa, a língua que é ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Portanto, qualquer outra linguística que escape deste triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, rudimentar, deturpada, deficiente.
<i>Ah é uma maneira muito, eu acho que errada de falar né, porque são poucas pessoas que falam uai, é você, tu, porque para a gente lá não usa você é mais e o tu né, então eles aqui é você e uai somente.</i>	O ponto de vista da entrevistada sobre a linguagem goiana não vem simplesmente do fato de achar que está errado, mas de como a sociedade tem imposto uma ideologia sobre determinados locais, no âmbito geográfico e sociocultural, principalmente em relação aos interiores do Brasil.
<i>Quando eu cheguei aqui é foi difícil porque eu não falava com ninguém então quando eu comecei fala muita gente pensou uai que isso eu nunca né. Então quando eu cheguei aqui foi difícil porque eu não entendi o que eles falavam e muito menos eles o que eu falava. Fui expulso uma vez por causa disso porque ninguém entende o que eu tava falando porém cheguei na coordenação e falei o que era né pediram desculpa porque a gente como é que você fala uma coisa Eu não entendi você tem que perguntar né.</i>	Os falantes que desrespeitam as regras da gramática normativa não usam a língua de modo “vago”, “impreciso”, “sem destino”. Pelo contrário, obedecem às regras de sua gramática de modo mais rigoroso, até mais do que os falantes escolarizados. Mas quando se refere ao “erro”, a impressão que fica é a de que a pessoa “erra” por preguiça ou por falta de inteligência, como se ela escolhesse errar. É como se ela soubesse o “certo”, mas por teimosia ou ignorância insistisse em falar “errado”.
<i>Tava na sala a professora passou, tava passando o conteúdo e eu não tava entendendo e eu falei professora minha irmã me ajuda, nossa ela simplesmente olhou pra mim e disse sai da minha sala agora, uai eu saí cheguei na coordenação a professora falou assim, uai mas já chegou agora e já tá arrumando problema? eu falei não uai eu vim para cá atoa não sei o que eu estou fazendo aqui não, a professora olhou para mim e diz a tá que você não sabe o que você tá fazendo aqui, eu falei uai sei que eu to fazendo aqui não, a professora chegou e disse que eu tava xingando ela e eu falei eu te xingando que jeito? ela que cê tava me chamando de minha irmã, eu falei ó colega é porque eu sou do Maranhão, porém a gente fala assim mesmo aí ela então você vai me desculpando que eu não sabia, e eu falei pois é né, mas não preocupa não que eu não vou te chamar de minha irmã mais não, aí nossa ela riu demais</i>	Muitos falantes que recebem repreensões por sua fala se reprimem, sentem-se inseguros de falar, mesmo que consigam construir falas perfeitas. Sendo assim, notamos que a sociedade e também a escola não estão reforçando a importância da comunicação dos falantes, sendo da mesma região ou de regiões diferentes, de modo que eles possam se compreender independente do sotaque e da cultura de cada um.
<i>Já, principalmente matéria de inglês, porque eu não tinha matéria de inglês, então os conteúdos que ela passava foi difícil mente eu aprende, é por que como</i>	A partir desse relato, distinguimos que o ensino-aprendizagem na escola não tem valorizado a linguagem e o sociocultural

<i>pra gente lá não tinha ficou, dificultou mais a minha, o meu aprendizagem em inglês, Porém quando ela falava alguma coisa que eu não entendi eu sempre ficava mais quieta na minha e esperava ela perguntar se eu tinha entendido, para não atrapalhar a aula dela né (...)</i>	desse alunos, pois ensinar conteúdos desconsideração suas variações parece provocar desmotivação e autoestima linguística baixa. São práticas que cristalizam preconceitos e argumentos que desqualificam o saber individual de cada falante.
<i>é sempre, maranhense fala mais corrido do que os Goiano são mais rápido até para caminhar, então o professo, tem uns professor que não vão com a sua cara pela forma que você é ou pelo que você fala, porém uns dois professores não foram com a minha cara pelo meu jeito que falava, Ah eu achei esquisito falei uai gente cheguei aqui sem fazer nada e já tem professor com cara feia</i>	Percebemos que as variedades linguísticas mais sujeitas ao preconceito linguístico são, normalmente, as que possuem características associadas a grupos de pessoas com menos prestígio na escala social ou a grupos de pessoas da área rural ou do interior do país. Logo, o preconceito em relação à variação diatópica é ligado às divergências geográficas e também a questões de natureza social e política.
<i>Foi difícil porque eu achei que eles assim, não tiveram paciência ou então até mesmo a vontade de chegar nimim e pergunta, você entendeu isso? eu sei que tá difícil para você porque você chegou agora, você é iniciante na escola ou até então no estado mesmo, então a gente vai te dar uma oportunidade, então vai ter um espaço para você para você entender algumas coisas que você não entende, porém foi totalmente ao contrário explicaram tudo para mim igual explicava pras outras pessoas, então foi tudo mesmo círculo, porém ou eu entendia ou eu ficava sem entender.</i>	A partir dessa postura política e inclusiva de língua proposta por Bagno, lançamos um olhar analítico sobre as práticas linguísticas eventualmente inferiorizadas de alunos que se deslocam de sua região para uma outra e que, consequentemente, emergem enquanto práticas de preconceito linguístico e social. Não são práticas conscientemente excludentes pensadas pela escola, mas efeitos de discursos cristalizados sobre a língua, em diálogo com um despreparo da instituição em acolher e conscientizar seus alunos quanto à diversidade linguísticas. Isso foi observado também durante as aulas e nos dizeres de alguns alunos e professores de Edealina-GO.
<i>Isso, aham para mim quando eu cheguei aqui, é eles me deram um apelido Maranhense né, não me chamavam pelo meu nome era pelo estado que eu morava</i>	Podemos observar que há preconceito linguístico, sociocultural e socioeconômico diretamente relacionado à resolução de problemas práticos na realidade linguística da sociedade. Isso causa problemas que influenciam nas práticas de ensino-aprendizagem de línguas de migrantes e de fronteira geográfica. Logo, identificamos preconceitos por parte dos alunos de Goiás com alunos das regiões em estudo.
<i>Então, algumas vezes eles, eu ia conversa aí eles falavam assim, fala direito, falei Uai, to falando torto? não to, então algumas vezes eu ficava chateada, não zangada, brava né chateada, porque tipo assim, eu</i>	Compreendemos que a língua muda e varia a todo momento. O falante ideal possui recursos linguísticos implícitos e relação direta com os aspectos culturais de sua

Análise da variação linguística do norte e nordeste de estudantes da cidade de edealina

<i>respeito à maneira que eles falam eles deveriam fazer o mesmo né. Então passou, tinha o que dois meses já que eu tava aqui, então a convivência foi amenizando já aquela situação né, porém todo mundo foi se entendendo, eu fui entendendo a língua deles e eles a minha, porém eu nunca entendi por completo a linguagem de vocês, até por agora mesmo, é difícil né porque pode passar o tempo que for, então quando eu vim para cá eu já estava bem mais velho que a minha irmã, ela sabe falar mais coisa com vocês do que a mim, porque quando ela veio para cá ela tinha 6, 7 anos eu já vim com 10.</i>	região. Isso não quer dizer que ele tem, necessariamente, um embasamento científico para uma explicação gramatical da fala. Portanto, a rotulagem do erro está diretamente ligada a qualquer pronunciamento fonético, sintático e morfológico que se diverge da gramática normativa. Infelizmente, o equívoco do erro na fala passa a ser reproduzido por muitos professores e alunos que, quando entram em contato com alunos oriundos de outras regiões, direcionam-se a descobrir os “erros” que, eventualmente, essas crianças cometeram, ao pronunciar dialetos de seu estado e esquecem que a linguagem é diferente do saber sobre distintas regiões.
<i>Mais ou menos lá as pessoa fala muito errado, Aqui eles fala muita coisa errada tamem</i>	Equívoco quanto ao mito de pensar que existe uma forma certa de falar. E não variantes da fala.
<i>Estranha, E quando chegou assim perto de mim "qual que é seu nome"? falaram um monte de coisa pra mim assim, é intendi quase nada</i> <i>Não os meninos zuava demais de mim na sala.</i> <i>Corrigem, por que eu leio rápido demais sabe</i> <i>Eu tava lendo um texto Parece chover, tarefa de português e quando é fé eu li " quando todo mundo fica", esqueci a palavra agora, lembrei quando todo mundo fica em paz em sua casa o que que você faria" aí eu li rápido demais aí me corrigiu.</i>	Estranhamento quanto à variação (vocabulário e ritmo).
<i>Ah eu senti vergonha porque eu falava de outro jeito e o povo quando eu cheguei o povo foi tudo em cima de mim perguntando de onde eu era aí povo ficou em cima de mim. é eu falava umas coisas eles não entendia.</i> <i>Não sempre ficavam imitando né mas eu nunca levava a sério não</i> <i>É eu me intimidei por causa da vergonha por exemplo eu fui no açougue lá quando cheguei aqui aí eu pedi picadinho aí aqui é carne moída aí eu perguntei picadinho para ele aí ele ficou olhando para minha cara sem entender aí eu olhei assim e vi escrito lá no açougue lá a carne lá eu disse carne moída aí até que ele entendeu.</i>	Os três fragmentos demonstram o constrangimento vivido pela entrevistada em relação às diferenças de sua forma de falar. É possível inferir que essa tensão influencia no aprendizado do aluno.

Fonte: Os autores

Após a apresentação das sequências discursivas selecionadas dos dizeres dos três sujeitos informantes, passamos para uma análise de pontos minuciosos e convergentes que se configuraram como regularidades e pontos de tensão, e que, por conta disso, foram aqui organizados por meio de categorias de análise. Assim, identificamos quatro pontos de convergência que denominamos: I – Estranhamento inicial; II – Preconceito Linguístico; III – Sentimento de inferioridade; IV – Problemas na aprendizagem.

2.1 Estranhamento Inicial

Entendemos que a chegada dos alunos nortistas e nordestinos em Goiás gera um estranhamento inicial, ocasionado por diversos motivos sociais e linguísticos. Logo, a adaptação do falante, quando inserido em outro local, provoca medo e desconforto pela interação com o novo, com o espaço geográfico, com a cultura, os hábitos e a variação linguística diferente. Portanto, essa interação gera uma tensão, principalmente entre as crianças inseridas no campo escolar.

Entendemos esse estranhamento quando o aluno chega de outro lugar e tem que enfrentar dificuldades com a adaptação, com o cotidiano, com pessoas que têm costumes e hábitos diferentes. Assim, o primeiro contato com a linguagem que varia de um estado para o outro pode se tornar mais um problema para o aluno, que além de todo um deslocamento social, precisa entender o que os colegas e professores falam, enfrentando brincadeiras preconceituosas dentro da própria sala de aula. Isso pode ser reconhecido nos dizeres dos três entrevistados:

Entrevistado 1: *Diferente, estranha sabe, é meio que cê chegar no lugar e o povo tá falando tudo em inglês cê não tá entendendo nada.*

Entrevistado 2: *Estranha, E quando chegou assim perto de mim "qual que é seu nome"? falaram um monte de coisa pra mim assim, é intendi quase nada.*

Entrevistado 3: *Ah eu senti vergonha porque eu falava de outro jeito e o povo quando eu cheguei o povo foi tudo em cima de mim perguntando de onde eu era aí povo ficou em cima de mim. é eu falava umas coisas eles não entendia.*

Compreendemos, então, que para os alunos informantes da pesquisa houve o estranhamento com a linguagem na interação com os professores e colegas. Notamos também o impacto causado pela recepção da escola frente aos alunos oriundos do Norte e Nordeste, frente ao despreparo tanto na questão do aluno quanto do professor para receber crianças de

outros estados. São notórias as marcas de variação linguística na linguagem de cada entrevistado, bem como é perceptível como a sociedade, em muitos casos, olha para esses falantes com estranhamento pelos hábitos e sotaques.

Percebemos que quando o aluno dessas regiões se manifesta prontamente, mostrando sua bagagem de fala, é recebido com preconceito. O foco das aulas consiste muitas vezes em definir o que “certo” e “errado”, determinação que, quando se pensa em língua e fala, é uma visão excludente, retrógrada, saudosista, resistente ao tempo e que, conseqüentemente, corrobora para a atuação drástica do preconceito linguístico, próxima categoria em análise.

2.2 Preconceito Linguístico

A nossa cultura é diversificada e nossa língua é, em suma, reflexo disso tudo, portanto as diferenças dialetais irão existir. O fato é que, além de processos históricos que fundaram o Brasil, existem os problemas políticos, sociais e econômicos arraigado em nossa sociedade que, por ventura, acarretam inúmeros casos de preconceito e discriminação, os quais afetam principalmente classes e grupos estigmatizados. Isso não é diferente com a língua, pois alguns grupos também sofrem preconceitos inclusive de se expressar e passam a ter receio de sua variedade linguística, de ser rejeitado pela sociedade.

Como sabemos, nosso país possui uma extensão territorial imensa e está dividido por regiões mais desenvolvidas (região Sul e Sudeste) e outras menos desenvolvidas (Norte e Nordeste) economicamente, com culturas diferentes entre si. Porém, com exceção daqueles que nascem com problemas relacionados à fala, são todos dotados dessa capacidade, embora apresentem seus falares a partir de traços peculiares, representados pelas variações linguísticas. Sobre essa categoria de análise, elencamos os seguintes enunciados:

Entrevistado 1: *Então quando eu cheguei aqui foi difícil porque eu não entendi o que eles falavam e muito menos eles o que eu falava. Fui expulso uma vez por causa disso porque ninguém entende o que eu tava falando porém cheguei na coordenação e falei o que era né pediram desculpa porque a gente como é que você fala uma coisa Eu não entendi você tem que perguntar né. (...) Tava na sala a professora passou, tava passando o conteúdo e eu não tava entendendo e eu falei professora minha irmã me ajuda, nossa ela simplesmente olhou pra mim e disse sai da minha sala agora.*

Entrevistado 2: *Eu tava lendo um texto Parece chover, tarefa de português e quando é fê eu li " quando todo mundo fica ", esqueci a palavra agora, lembrei quando todo mundo fica em paz em sua casa o que que você faria" aí eu li rápido demais aí me corrigiu.*

Entrevistado 3: *Vinha, vinha perguntar aí algumas ficava rindo uns achava bonitos outros outra achava cada um tem um pensamento eu acho mas assim muito achava bonito muito bonito jeito de eu falar e alguns ficava rindo né. (...) Não sempre ficava imitando né mas eu nunca levava a sério não.*

Atitudes preconceituosas são comuns em nosso cotidiano, no entanto é contraditório quando parte de profissionais da área da educação, que deveriam ser as pessoas mais indicadas para mediar e conscientizar seus educandos a terem um posicionamento respeitoso e empático com o outro. Educá-los que sua língua, sua cultura, seus costumes, seus hábitos não são rudimentares ou atrasados e sim únicos com características próprias.

Os antigos PCNs (1998) orientavam que o preconceito linguístico, como qualquer outro preconceito, resulta de avaliações subjetivas dos grupos sociais e deve ser combatido com vigor e energia (BRASIL, 1998, p.82). A atual Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de língua portuguesa inclusive possui a habilidade EF69LP55, relacionada à capacidade do aluno de reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico (BRASIL, 2018).

Em entrevista à *Revista Presença Pedagógica*, Bagno (2008) ressalta que, o primeiro passo, para combater o preconceito linguístico na escola é:

o professor assumir que não é falante desse português idealizado e que os seus alunos também não serão, porque, na verdade, ninguém é fundamental que o professor reconheça sua própria fala como uma atividade social, como uma manifestação legítima da língua e, principalmente, passe a associar a discriminação que é feita por meio da linguagem com as discriminações que são feitas na sociedade [...]" (BAGNO, 2008, p. 10)

Logo, pode-se dizer que o preconceito linguístico é fruto da intolerância de uma minoria, porque a maioria do povo brasileiro tem como variação linguística de maior uso o português não padrão. Se, infelizmente, esse preconceito ainda acontece na escola, imagina fora dela. No local em que as pessoas deveriam ser respeitadas, educadas e humanizadas, esse fato não poderia existir de forma alguma.

Podemos observar isso no presente estudo, em que identificamos, nos dizeres dos entrevistados, certo preconceito por parte dos profissionais que fazem parte do corpo docente, pois os alunos ainda mantêm uma perspectiva errônea da língua, com a ideia de que a língua deve acompanhar a norma padrão das gramáticas normativas, ocasionando, dessa forma, o desprezo pela variedade linguística do aluno.

2.3 Sentimento de inferioridade

Sabemos que não existem dados que confirmem a inépcia ou mesmo a inferioridade de povos de certas regiões, pois cada região possui sua própria característica. Assim, a variedade linguística usada pelos nordestinos e nortistas é diferente da usada pelos goianos e vice-versa. Ambas possuem fatores particulares, sejam eles, sociais, culturais ou geográficos.

A comunidade linguística do Brasil é constituída de uma vasta mistura intercultural que se explica com o fato de, antes de ser independente, era colônia de Portugal. Durante a colonização, os portugueses traziam consigo seus costumes, seus hábitos, seus modos de falar, suas culturas e etc.. Posteriormente, também vieram os negros escravizados, os espanhóis e outros povos, além dos povos indígenas que habitavam esse território.

Entretanto, essa diversidade não é harmônica, mas forjada em conflitos e tensões ideológicas que, infelizmente, acabam por hierarquizar culturas e falares. Esse aspecto dialoga com o sentimento de inferioridade que, por vezes atravessa o falante e o sujeito social de grupos excluídos. Isso pode ser percebido nos dizeres dos entrevistados:

Entrevistado 1: *Olha gente em todo lugar tem um jeito certo e errado de fala algumas vezes eu achei, eu achava que lá no Maranhão a gente falava a errado. Porém vim pra cá e achei que os dois tavam errado, gente. Ah é uma maneira muito, eu acho que errada de falar né, porque são poucas pessoas que falam uai, é você, tu, porque para a gente lá não usa você é mais e o tu né, então eles aqui é você e uai somente.*

Entrevistado 2: *Mais ou menos lá as pessoa fala muito errado; Aqui eles fala muita coisa errada tamem.*

Entrevistado 3: *Tem algumas palavras que eu acho é que lá tá certo só que tem um aqui também que eu acho que varia do lugar onde a pessoa mora no estado sei lá.*

A história da língua está intrinsecamente imbricada com os processos de transformação do ensino da língua portuguesa no país. Assim, considerar a língua como algo positivo no ambiente escolar é uma perspectiva que precisa ser conhecida e encarada pelos profissionais da educação, para que o ensino retrógrado da disciplina de língua materna seja paulatinamente transformado, fazendo dos discentes seres capazes de ler, compreender, interpretar, interagir e produzir diferentes gêneros textuais, não apenas visualizando e ouvindo estudos metalinguísticos da gramática da norma padrão.

A escola deve focar em formar cidadãos, sujeitos sociais empáticos e respeitosos com a diversidade que os cercam. No entanto, em muitos casos, há posturas questionáveis, pois

ensinar a língua padrão é o dever da escola, mas alicerçar preconceitos a esse importante saber é um equívoco. Existem fatores explícitos e implícitos de cada comunidade linguística que precisam ser reconhecidos e respeitados, como os sotaques e as variedades linguísticas diversas. E esse respeito permitirá melhores desempenhos na aprendizagem, tema da próxima categoria em análise.

2.4 Problemas na aprendizagem

Como são previsíveis, os dialetos fazem parte da vida escolar e ignorar esse fato é menosprezar, de forma preconceituosa, a capacidade cognitiva do aluno. Assim, ainda que a língua padrão represente a variedade de maior prestígio da sociedade, a escola não pode desconsiderar a cultura, a situação social e origem do aluno.

Ainda nos dias de hoje, alunos das regiões Norte e Nordeste, quando vão para outros estados, encontram bastante dificuldade em relação aos conteúdos, pois há muitas diferenças (nas matrizes curriculares, bem como em relação às variações) de um estado para o outro, dependendo das regiões de onde eles vêm. Uma das promessas da BNCC é justamente sanar essas diferenças entre os saberes ensinados nas salas de aula das diferentes regiões do país. No entanto, a base ainda está em implementação e, de certa forma, representa um documento que também tem suas limitações.

Mas a realidade é que, em sala e na cidade em que passam a viver, muitos desses alunos se sentem envergonhados e oprimidos e, na maioria das vezes, é justamente o seu dialeto que é tomado como exótico e inferior em relação ao falar local. Dependendo da forma que essa interação se dá, esses falantes deixam de questionar e não compreendem os conteúdos, que se tornam mais complexos. Essa questão pode ser identificada nos dizeres dos entrevistados:

Entrevistado 1: *Já principalmente matéria de inglês, porque eu não tinha matéria de inglês, então os conteúdos que ela passava foi difícil mente eu aprende, é por que como pra gente lá não tinha ficou, dificultou mais a minha, o meu aprendizagem em inglês, Porém quando ela falava alguma coisa que eu não entendi eu sempre ficava mais quieta na minha e esperava ela perguntar se eu tinha entendido, para não atrapalhar a aula dela né, então muita das vezes eu não perguntava ou então eu perguntava ela não entendia, aí as vezes nem eu mesmo entendia, então deixava de perguntar e ficava sem saber o conteúdo.*

Entrevistado 2: *Já. E você perguntou pro o professor?; Não; Você ficava calado na sua por vergonha?; ficava.*

Análise da variação linguística do norte e nordeste de estudantes da cidade de Edealina

Entrevistado 3: *É eu me intimidei por causa da vergonha. (...) Por exemplo eu fui no açougue lá quando cheguei aqui aí eu pedi picadinho aí aqui é carne moída aí eu perguntei picadinho para ele aí ele ficou olhando para minha cara sem entender aí eu olhei assim e vi escrito lá no açougue lá a carne lá eu disse carne moída aí até que ele entendeu.*

Percebemos como é conflituoso para os falantes essa adaptação escolar em outros estados, pois se reprimem, sentem-se inseguros de falar, mesmo que consigam construir falas perfeitas. Assim, defendemos que a sociedade aqui representada principalmente pela instituição escola e pelos professores viabilize a importância da comunicação dos falantes, sendo da mesma região ou de regiões diferentes. O importante é que todos possam se compreender e terem o mesmo acesso aos saberes.

É necessário tornar o ensino escolar mais acessível às inúmeras variedades linguísticas (sociais, regionais, sexo, gênero, faixa etárias). O ideal não é substituir um uso por outro, mas demonstrar aos educandos a diversidade linguística que há no ambiente escolar. Nesse caso, não se pretende excluir a norma culta ou a padrão, mas conscientizá-los que podem ser competentes na língua portuguesa e reconhecerem os diversos usos da língua, inclusive o da norma padrão.

Assim, retomamos a LA indisciplinar, pois igualmente acreditamos na necessidade de se edificar uma antidiplina que se proponha “derrubar algumas dessas cercas disciplinares” (PENNYCOOK, 2006, p.73), para “abrir espaço para visões alternativas ou para ouvir outras vozes” (MOITA LOPES, 2006, p.23), por meio do combate a propostas de ensino escolar que se pautem pelos interesses “específicos de uma pequena minoria” (RAJAGOPALAN, 2013, p.159).

Considerações Finais

Este trabalho buscou lançar um olhar analítico para possíveis efeitos discursivos que a migração dos nortistas e dos nordestinos para Goiás provocou na adaptação dos alunos, quando inseridos nas escolas da rede pública de ensino de Edealina. Buscamos analisar a forma que foram acolhidos por professores e alunos em sala de aula. Com isso, percebemos a necessidade de informação, adaptação e colaboração de todo o conjunto escolar em prol de uma melhor interação entre falantes de variedades linguísticas diferentes.

Para se atingir uma compreensão dessa realidade, definimos dois objetivos específicos. O primeiro foi identificar como é a adaptação escolar de migrantes do Norte e Nordeste para

Goiás. Para isso, construímos e aplicamos um questionário em modo áudio com alunos dessas regiões. De forma geral, percebemos que a recepção é tensiva e conflituosa, demonstrando um certo despreparo da escola, o que faz emergirem preconceitos linguísticos.

Após a seleção dos alunos que seriam analisados e uma interação durante o horário de aula, recorreremos à observação de como é o convívio com os colegas e professores. O procedimento atendeu ao segundo objetivo específico, de compreender como se dá a interação entre aluno-aluno e aluno-professor. Apesar da nossa presença em sala, não houve alterações significativas na dinâmica das aulas e na entrevista.

Observamos que existe sim um certo despreparo por parte de alguns professores e da escola de maneira geral, para promoverem espaços de interação mais empáticos à chegada desses alunos. Isso confirmou nossa hipótese de que, em muitos casos, o corpo docente não se apresenta preparado para receber e dialogar com a diversidade apresentada por esses alunos. Notamos também que esse despreparo se transforma em insensibilidade por parte dos demais alunos, que ao receberem os colegas, por vezes, realizam preconceitos linguísticos e sociais.

Uma tarefa escolar viável seria eventos preparados pelos próprios alunos incentivados pela escola e por professores, desmitificando os falares preconceituosos e valorizando as diversas culturas, com apresentações típicas e a produção de um documentário sobre a região trabalhada. Essa atividade poderia usar como fonte de pesquisa os próprios alunos oriundos da região e até suas famílias. Obviamente, tal medida requereria dos educadores certo conhecimento e estudos sobre a região abordada. Os professores, nessa proposta, seriam agentes de letramento facilitadores e desmistificadores de ideologias impostas pela sociedade e pela mídia, que desvalorizam povos e seus falares.

É necessário, como postula novamente a LA, uma “desaprendizagem” das crenças arraigadas em torno do ensino de língua materna, não necessariamente por meio de um apagamento da relevância da norma culta, mas por uma postura ética e empática por parte de todos os envolvidos na comunidade escolar, para que as diversidades sejam respeitadas e não consideradas como inferiores ou exóticas. Isso só é possível por meio de uma tomada de posição transgressiva que leve em conta a realidade social, cultural e política dos alunos como determinante de suas formas de interagir linguisticamente.

Ainda há um longo caminho a ser trilhado em prol de uma educação básica que ofereça direitos e condições iguais a todos e todas, no entanto acreditamos que o presente estudo pode contribuir para disseminar a necessidade de se considerar as tensões de variações linguísticas

Análise da variação linguística do norte e nordeste de estudantes da cidade de edealina

em sala de aula como um discurso que pode atrapalhar, inclusive, o ensino-aprendizagem dos discentes de maneira geral.

Referências

- ABRAÇADO, Jussara. **Entrevista som Maria Marta Pereira Scherre sobre preconceito lingüístico, variação lingüística e ensino**. Caderno de letras da UFF- Dossiê: Preconceito lingüístico e cânone literário, nº 36, p. 11-26, 1 sem. 2008.
- BAGNO, Marcos. **Português ou Brasileiro?** Um convite à pesquisa. São Paulo, Parábola Editorial, 2001, 182p
- BAGNO, Marcos. **Preconceito Lingüístico**: o que é, como se faz. 31 ed. São Paulo Edições Loyola, 2004. 186p.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**. Revista Presença Pedagógica. V. 14, n. 79, jan./fev. 2008.
- BECHARA, Evanildo. **Ensino da gramática**: opressão? Liberdade? 4.ed. São Paulo: Ática, 1989.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais** - Terceiro e Quarto ciclos do Ensino Fundamental - Língua Portuguesa. Brasil, 1998.
- GERALDI, Wanderley. et al. **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1997.
- IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. 2007/2015.
- MOITA LOPES, L. P. (Org.) **Por uma Lingüística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. 279 p.
- MOITA LOPES, L. P. (Org.) **Linguística Aplicada na Modernidade Recente**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. PENNYCOOK, A. **Uma linguística aplicada transgressiva**. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.) **Por uma Lingüística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p.67-84.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Política de ensino de línguas no Brasil: história e reflexões prospectivas. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da. (Org.) **Linguística Aplicada na Modernidade Recente**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. p. 143-165.

SANTOS, João Bosco Cabral dos. Forma-Sujeito Professor & Lugar Discursivo Formador. In: SZUNDY, Paula Tatiane Carréra; NICOLAIDES, Christine Siqueira; SILVA, Kleber Aparecido da. (Org.). **Linguística Aplicada e Sociedade: Ensino-Aprendizagem de Línguas no contexto Brasileiro**. 1ed.Campinas - SP: Pontes, 2011, v. 1, p. 77-93

SILVA, Júlio César Lázaro da. **Principais Migrações Inter-regionais no Brasil**; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/brasil/principais-migracoes-inter-regionais-no-brasil.htm>. Acesso em 21 de dezembro de 2020.

VON BORSTEL, Clarice Nadir. **Políticas linguísticas e educacionais em situações de línguas em/de contato**. LL Journal , v. 8, p. 01-17, 2013.

Recebido: 1 de dezembro de 2020

Aprovado: 20 de dezembro de 2020